

Os últimos retoques

■ Palácios de Petrópolis retomam o brilho para receber Fernando Henrique Cardoso, reeditando tradição interrompida há 27 anos

FRANCISCO LUIZ NOEL E
ROLLAND GIANOTTI

Petrópolis já vive a expectativa da chegada, amanhã, de Fernando Henrique Cardoso. Faixas saudando o presidente foram espendidas em vários pontos da cidade, os palácios receberam os últimos retoques e o assunto principal das animadas rodas de conversas nos fins de tarde é um só: a cidade imperial volta a — ainda que por pouco tempo — abrigar o poder. "Petrópolis merece mesmo esta homenagem", comentava com os amigos ontem o comerciante Cláudio Corrêa, de 62 anos, no centro histórico.

Salões mobiliados com peças no estilo Império, paredes decoradas com quadros raros sobre tecido estampado e janelas enfeitadas com cortinas de *voil*. Depois de quase um mês de trabalho frenético de operários da Empresa de Obras Públicas do Estado (Emop) e da prefeitura, a restauração do primeiro pavimento do Palácio Rio Negro foi concluída, ontem à tarde, quando funcionários da Companhia de Desenvolvimento de Petrópolis (Comdep) iniciaram a faxina final, para que os petropolitanos recebam o presidente.

Os retoques finais da decoração do prédio — símbolo dos veraneios presidenciais na serra desde o começo do século — foram dados pelo empresário e decorador Fernando Bebiano, dono da Printer Tecidos, que doou os tecidos junto com o prefeito de Petrópolis, Sérgio Fadel (PDT), dono da Fábrica de Tecidos Santa Helena. Com as obras e a ornamentação, o Rio Negro, mesmo sem condições de hospedar o presidente no segundo andar, virou uma galeria de arte, com 44 quadros expostos nos quatro salões e no hall de entrada. Eles poderão ser vistos pelo público após a partida de Fernando Henrique, no domingo.

Despachos — As pinturas que darão tom cultural à breve permanência do presidente no Palácio, onde ele deverá passar pouco mais de uma hora, pertencem ao Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, ao Museu Antônio Parreiras, de Niterói, e ao advogado carioca Sérgio Fadel, que coleciona obras de arte. Na sala de despachos, onde Fernando Henrique receberá em audiência reservada o presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), as paredes exibem oito paisagens, uma pintura de costumes e uma composição histórica.

No salão central, as atrações são nove quadros de pintores belgas, holandeses e franceses dos séculos XVIII e XIX do Antônio Parreiras. Os outros dois salões têm paisagens cariocas e petropolitanas. Entre as imagens do Rio no Século 17, estão quadros como a Cascatinha, do francês Taunay, e Largo do Paço, do italiano Luigi Stalloni, enquanto os quadros com paisagens petropolitanas incluem obras de Batista da Costa, como a Vista do Piabanha, da coleção de Fadel. No hall, sete dos 11 retratos a óleo de presidentes que despacharam no Rio Negro estavam ontem nas paredes — um dos que faltava, por problemas com moldura, era o de Getúlio Vargas.

Também ontem, os operários deram os retoques finais na pintura da casa da família Nabuco, na Avenida Ipiranga, onde Fernando Henrique e Dona Ruth ficarão hospedados. Os canteiros da avenida, aliás, estão sendo reformados, e o asfalto, remendado. Na residência do governador Marcelo Alencar, onde o casal presidencial almoçará no sábado, os empregados se encarregaram de retocar o jardim.

Fernando Rabelo



Os petropolitanos aguardam ansiosos a chegada do presidente e prometem uma estada calorosa na serra

À espera do Cardoso mais ilustre

Os Cardoso de Petrópolis estão em polvorosa. Mesmo sem qualquer vínculo ou laço sanguíneo com o casal presidencial, os petropolitanos que carregam na identidade o sobrenome ilustre aguardam ansiosos o desembarque de Fernando Henrique e Dona Ruth. Eles querem, na pior das hipóteses, ver de perto o mais importante casal do país, e, na melhor delas, ter a chance de — numa obra do destino — descobrir um parentesco.

Lapidador aposentado que interrompeu os estudos ainda no primário, Henrique Cardoso Filho, 67 anos, é um dos 57 Cardoso que consta da lista telefônica da cidade. Ele encurtou sua estada na Praia Seca, em Araruama, em função da

visita presidencial a Petrópolis. "Além do sobrenome, temos semelhanças físicas. Todos dizem que sou a cara de Fernando Henrique", afirma. Ele aponta outra coincidência: o xodó pelos netos. "Natália, de 12 anos, é a mais inteligente da família. É uma intelectual", gabase.

Henrique cismou que quer porque quer ficar cara a cara com Fernando Henrique. "Votei nele para presidente e continuo muito esperançoso, mas Fernando Henrique tem que tomar alguma providência para quem vive de aluguel. Os preços estão absurdos", diz, adiantando um dos temas da conversa que pretende manter com o presidente. Se tiver oportunidade, Henrique

também matará a curiosidade sobre como é o exterior e, afinal, o que é a Sorbonne — universidade onde Fernando Henrique lecionou. Henrique nunca deixou o país nem mesmo conhece Brasília.

Já o comerciante Carlos Cardoso, de 48 anos, gostaria de se encontrar com o presidente para agradecer os rumos da política econômica do governo. "Não votei nele para presidente, mas se houver reeleição, meu voto é de Fernando Henrique", garante. Filho de uma família de 11 irmãos, Carlos reconhece não ter qualquer parentesco com o presidente. Mas bem que gostaria: "Seria um imenso prazer".